

## MARX E ENGELS DIANTE DAS DEUSAS: A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA MITOLOGIA GREGA

Ana Carolina Marra de Andrade\*

**Resumo:** Neste artigo, analisa-se tanto a obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, de Friedrich Engels, quanto os *Cadernos Etnológicos* de Karl Marx, com foco em seus extratos sobre Morgan. Serão debatidas passagens nas quais tanto Marx quanto Engels apresentam uma disparidade na representação feminina na mitologia grega entre a figura da deusa e a da mulher. Entendemos que, para os autores, as deusas (femininas) estariam em uma posição mais próxima dos deuses (masculinos) que as mulheres dos homens no âmbito terreno, e essa discrepância poderia ser compreendida como uma herança, que se manteve na expressão religiosa, de um momento histórico pretérito em que as mulheres detinham uma posição mais igualitária, livre e influente em relação aos homens. Nesse sentido, resgata-se a noção de ossificação ou fóssil social, desenvolvida por ambos autores, como uma categoria importante para a interpretação da mitologia grega. Desse modo, busca-se demonstrar o que cada autor expôs sobre o tema, levando em consideração os períodos históricos, os textos literários e as personagens que invocam para defender suas hipóteses, além de comparar o pensamento de cada um para definir se há ou não uma concordância entre ambos na temática. Assim, o artigo também pretende contribuir para o debate sobre a compreensão de Marx e de Engels acerca da historicidade da opressão de gênero.

**Palavras-chave:** Mulheres; Deusas; Mitologia; Marx; Engels

## MARX AND ENGELS BEFORE THE GODDESSES: FEMALE REPRESENTATION IN GREEK MYTHOLOGY

**Abstract:** This article analyzes both Friedrich Engels' *The Origin of the Family, Private Property and the State* and Karl Marx's *Ethnological Notebooks*, focusing on his extracts on Morgan. We will discuss passages in which both Marx and Engels present a disparity in the representation of the female in Greek mythology, between the figure of the goddess and that of the woman. We understand that, for the authors, the (female) goddesses were in a position closer to the (male) gods than the women were to the men in the earthly sphere, and this discrepancy could be understood as an inheritance, maintained in religious expression, from a previous historical moment in which women held a more equal, free and influential position in relation to men. In this sense, the notion of "ossification" or "social fossil", developed by both authors, is revived as an important category for the interpretation of Greek mythology. The aim is to demonstrate what each author has said on the subject, taking into account the historical periods, the literary texts and the characters they invoke to defend their hypotheses, as well as comparing their thinking in order to determine whether or not there is agreement between them on the subject. Thus, the article also aims to contribute to the debate on Marx's and Engels' understanding of the historicity of gender oppression.

**Keywords:** Women; Goddesses; Mythology; Marx; Engels

---

\* Bacharel e Mestre em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais (FDCE/UFMG), Brasil, no projeto Crítica marxista à economia política, ao direito e ao Estado. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8477-8578>. Contato: [anamarra7@gmail.com](mailto:anamarra7@gmail.com).

## MARX Y ENGELS ANTE LAS DIOSAS: LA REPRESENTACIÓN FEMENINA EN LA MITOLOGÍA GRIEGA

**Resumen:** Este artículo analiza tanto El origen de la familia, la propiedad privada y el Estado, de Friedrich Engels, como los Apuntes etnológicos de Karl Marx, centrándose en sus extractos sobre Morgan. Se discutirán pasajes en los que tanto Marx como Engels presentan una disparidad en la representación femenina en la mitología griega, entre la figura de la diosa y la de la mujer. Entendemos que, para los autores, las diosas (femeninas) estaban en una posición más próxima a los dioses (masculinos) que las mujeres a los hombres en la esfera terrenal, y esta discrepancia podría entenderse como una herencia, mantenida en la expresión religiosa, de un momento histórico pasado en el que las mujeres ocupaban una posición más igualitaria, libre e influyente en relación a los hombres. En este sentido, la noción de osificación o fósil social, desarrollada por ambos autores, resurge como una categoría importante para la interpretación de la mitología griega. El objetivo es demostrar lo que cada autor ha dicho sobre el tema, teniendo en cuenta los períodos históricos, los textos literarios y los personajes que invocan para defender sus hipótesis, así como comparar su pensamiento para determinar si existe o no acuerdo entre ellos sobre el tema. El artículo también pretende contribuir al debate sobre la concepción de Marx y Engels de la historicidad de la opresión de género.

**Palabras clave:** Mujeres; Diosas; Mitología; Marx; Engels

---

### 1 Introdução

No presente artigo trataremos da posição das mulheres gregas para Karl Marx e Friedrich Engels e sua relação com a representação do feminino na mitologia. Partiremos de dois trechos específicos dos autores em que comparam o *status* das mulheres com o das deusas, trabalhando-os dentro do contexto geral em que são apresentados. O trecho de Marx faz parte de um conjunto de anotações sobre a obra *A sociedade antiga ou investigações sobre as linhas do progresso humano desde a selvageria, através da barbárie, até a civilização* [*Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*] (1877), de Lewis H. Morgan, que foram compiladas e editadas por Lawrence Krader juntamente com outras anotações do mesmo período, de 1880-2, no que ficou conhecido como *Cadernos Etnológicos*, publicados originalmente em 1972<sup>1</sup>. Já a passagem de Engels faz

---

<sup>1</sup> O conjunto de notas que compõem os chamados *Cadernos Etnológicos* (denominação dada por Krader), com exceção das notas sobre Lubbock, fazem parte do caderno físico denominado B 146 de Marx, o qual também anotações sobre *Java; or, How to Manage a Colony, Showing a Practical Solution of the Questions Now Affecting British India* (1861), de James W. B. Money, e *Fränkisches Recht und Römisches Recht: Prolegomena zur Deutschen Rechtsgeschichte*, de Rudolph Sohm, e não contém as sobre Lubbock, que estavam em outro caderno. Atualmente, graças ao projeto *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA), ambos foram publicados em uma edição digital, parte do IV/27 M/E: Excertos e notas de 1879-1881 (etnologia, história primitiva, história da propriedade fundiária) 2023/24 [*Exzerpte und Notizen 1879 bis 1881 (Ethnologie, Frühgeschichte, Geschichte des Grundeigentums)* 2023/24] (MARX, Karl. Heft 1880 bis 1881. *Mega Digital*, 2025. Disponível em: <https://megadigital.bbaw.de/exzerpte/detail.xhtml?id=M5176449> . Acesso em: 6 abr. 2026.)

parte de sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, na qual faz referência ao excerto de Marx dos chamados *Cadernos Etnológicos*.

A obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado* foi escrita por Engels após o falecimento de Marx, com o intuito de cumprir a tarefa que Marx teria reservado a si mesmo de expor as descobertas de Morgan:

Ninguém menos que Karl Marx havia reservado para si a tarefa de expor os resultados das pesquisas de Morgan em conexão com os resultados de sua – e, em certa medida, posso dizer nossa – investigação materialista da história e, desse modo, evidenciar toda a sua importância. Pois foi Morgan quem redescobriu na América do Norte a concepção materialista de história descoberta por Marx quarenta anos antes e, ao comparar barbárie com civilização, foi levado por ela, no que diz respeito aos seus pontos principais, aos mesmos resultados obtidos por Marx. (...) Meu trabalho não pode ser senão uma pobre compensação para aquilo que meu falecido amigo não pôde oferecer. No entanto, nos extensos excertos que ele fez do trabalho de Morgan, há observações críticas que reproduzir aqui na medida do possível<sup>2</sup>

Não iremos nos debruçar no debate acerca da capacidade de Engels de realizar tal tarefa, ou até mesmo se Marx entendia que Morgan chegou de fato a fazer uma “redescoberta” da “concepção materialista da história”. Tampouco trataremos da diferença que vemos no pensamento de ambos os autores sobre Morgan a partir da leitura das anotações marxianas presentes nos *Cadernos*<sup>3</sup>. É válido, para nós, tão somente mencionar que Marx foi um leitor de Morgan, e que suas notas possuem considerações diretas e indiretas que apontam hora para concordâncias, hora para discordâncias do antropólogo, mas que, pela própria estrutura do texto e seu caráter de anotações, muitas dessas considerações feitas por Marx não são conclusivas. Marx e Engels, apesar de possuírem um amplo trabalho conjunto, publicações em coautoria e uma parceria inabalável, são pensadores distintos, com visões que nem sempre são coincidentes. Nesse sentido, ressaltamos a importância de tratá-los como dois pensadores não idênticos, ainda que relacionados, e é a partir dessa perspectiva que trabalharemos a relação entre os *Cadernos* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*.

Ademais, é essencial ressaltar que, diferente d'*A origem*, uma obra finalizada e publicada, os *Cadernos* tratam-se tão somente de anotações sobre obras que Marx estava estudando, nas quais ele aparece muito mais como um leitor crítico que como um autor publicamente dito. Apesar da afirmação de Engels de que “Karl Marx havia reservado para si a tarefa de expor os resultados das pesquisas de Morgan em conexão com os resultados de sua”<sup>4</sup>,

---

<sup>2</sup> ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019, p. 19.

<sup>3</sup> Para aprofundar nas diferenças entre as leituras que Marx e Engels fazem de Morgan, ver ÁLVARES, Lucas Parreira. *Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan*. 2019. 1-231. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019

<sup>4</sup> ENGELS. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cit., p. 19

fato é que, independentemente de suas intenções, Marx não realizou esta tarefa antes de falecer — o texto que temos sequer chega a se constituir enquanto um rascunho ou um manuscrito preparatório para uma publicação, tal como os *Grundrisse*, *A ideologia alemã* ou os *Manuscritos econômico-filosóficos*. Nesse sentido, nossa análise é um pouco dificultada pelo formato do texto, de modo que em diversos momentos Marx apenas copia as ideias centrais das obras que estudou. Contudo, especificamente no trecho que iremos analisar, que faz parte das notas sobre *Ancient society*, tem-se uma contribuição direta e autêntica de Marx que não se trata de uma mera interpretação do Morgan. Assim, para examiná-la, iremos explicitar o contexto geral em que aparecem no texto, mas sem nos debruçar demasiadamente em conceitos de Morgan.

Na falta de uma tradução para o português, faremos a tradução livre dos *Cadernos* a partir da edição original<sup>5</sup>, em que há uma mistura sobretudo de inglês e alemão, conferindo também a tradução em castelhano de José Maria Ripalda<sup>6</sup>. A versão original constará em notas de rodapé após as citações diretas. Optamos por seguir a padronização da edição em castelhano no que tange às intervenções diretas de Marx, que estarão indicadas pelo uso de colchetes []. Também faremos uma tradução livre do texto de Morgan, partindo da versão original em inglês<sup>7</sup>, que constará em rodapé.

Para nós, a relevância da passagem marxiana que destacamos dos *Cadernos* está em demonstrar uma compreensão de Marx sobre a historicidade da família, desnaturalizando essa categoria, de modo a reforçar seu caráter ontologicamente impermanente ao longo da história, e, portanto, constatando a hierarquia de gênero na família como uma forma social de opressão, também historicamente criada. Engels também trabalha a relação entre a historicidade da organização familiar e da opressão da mulher, pontuando ainda associações com a literatura grega que acreditamos serem de grande valor para a elucidação de suas ideias. Antes de entrar na análise de tais trechos, faremos uma breve digressão acerca da noção de fósseis sociais, de modo a elucidar aspectos necessários para a compreensão de nossa hipótese central.

## 2 Família e a noção de fósseis sociais

Um fundamento importante da concepção que vamos trabalhar nas seguintes passagens é a noção de fóssil social, que acompanha as obras de Marx e de Engels.

---

<sup>5</sup> Cf. MARX, Karl. *The Ethnological Notebooks: studies of Morgan, Phear, Maine, Lubbock* (Org. Lawrence Krader). Assen: Van Gorcum & Comp. B. V., 1974.

<sup>6</sup> Cf. MARX, Karl. *Los apuntes etnológicos* (Org. Lawrence Krader). Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988.

<sup>7</sup> Cf. MORGAN, Lewis Henry. *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*. New Dehli: Raja Rammohun Roy Library Foundation, 1983.

Trabalharemos essa categoria antes de passar para a análise das passagens sobre mulheres e deusas, pois acreditamos que ela é fundamental para compreender como a religião e a literatura gregas servem de parâmetro para o entendimento de relações familiares e de gênero pregressas. Para Marx, algumas formas sociais pregressas permanecem fossilizadas após a mudança das relações sociais concretas — é o caso dos sistemas de consanguinidade, mas também dos sistemas políticos, religiosos, jurídicos e filosóficos:

(...) A família, princípio ativo, nunca para, passa de um nível inferior para um superior. Os *sistemas de consanguinidade*, pelo contrário, são passivos: *registrando o progresso feito pela família em longos intervalos, e só mudando radicalmente após a família mudar radicalmente*. [O mesmo se aplica aos sistemas *políticos, religiosos, jurídicos e filosóficos* em geral.]<sup>8</sup>.

Nessa passagem dos *Cadernos*, em que a contribuição direta de Marx está marcada pelo uso de colchetes, o filósofo renano está comentando a diferenciação feita por Morgan entre família e sistema de consanguinidade. Em linhas gerais, o sistema de consanguinidade é a expressão, inclusive através da linguagem, de determinada forma de organização familiar. Enquanto a família é um princípio ativo, em constante mudança, o sistema de consanguinidade não a acompanha imediatamente, estando sempre um pouco atrasado com relação à relação social a que corresponde. Morgan deparou-se com isso ao estudar os iroqueses, um povo nativo norte-americano, tendo observado em seu cotidiano a prevalência um sistema de consanguinidade que se opunha às relações familiares reais, e, sobretudo na nomenclatura dos parentes, representava uma forma familiar mais antiga. Sobre a constatação de ossificação do sistema de consanguinidade feita por Morgan e a associação feita por Marx com os outros sistemas que se fossilizam, Engels coloca, logo após fazer uma referência direta à passagem supracitada dos *Cadernos*:

Enquanto a família continua vivendo, o sistema de parentesco se ossifica e, enquanto este continua existindo por costume, a família cresce para além dele. Porém, com a mesma segurança com que Cuvier foi capaz de deduzir dos ossos de um esqueleto de animal encontrado perto de Paris que eles haviam pertencido a um marsupial e que ali outrora viveram marsupiais, agora extintos, com a mesma segurança podemos deduzir do sistema de parentesco historicamente transmitido a nós que existiu uma forma de família que lhe corresponde, agora extinta<sup>9</sup>.

Nesse sentido, o costume leva à ossificação do sistema de parentesco, que continua existindo mesmo após a mudança da família à qual correspondia inicialmente. A noção de

---

<sup>8</sup> This system u. d. gentile organization, when in its archaic form, werden gewöhnlich zusammen gefunden. D. family active principle, steht nie still, passes von a lower form into a higher one. *Systems of consanguinity sind dagegen passiv; recording the progress made by the family at long intervals apart, and only changing radically when the family has radically changed*. [Ebenso verhält es sich mit *politischen, religiösen, juristischen, philosophischen Systemen überhaupt*.]

MARX, *The Ethnological Notebooks*, cit., p. 112

<sup>9</sup> ENGELS, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cit., p. 39

ossificação e fósil social é uma analogia com o processo de fossilização de esqueletos animais, pelo caráter de uma descoberta de algo no presente que remete a um tempo histórico progressivo, a outro fato já extinto. Essa compreensão será essencial para trabalharmos a relação entre a representação da mulher na mitologia grega como fósil de uma forma de organização familiar progressiva, tal como o sistema de consanguinidade. Em outros momentos de sua vida, Marx também trata dessa disparidade entre formas sociais ativas e outras que as acompanham com atraso — é o caso da famosa passagem de seu *Prefácio à Contribuição à crítica da economia política* (1859) em que trata da metáfora entre estrutura e superestrutura da produção:

(...) Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades, condições estas que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século 18, compreendia sob o nome de 'sociedade civil'. Cheguei também à conclusão de que a anatomia da sociedade burguesa deve ser procurada na Economia Política.

(...) na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência. Em uma certa etapa de seu desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é mais que sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no seio das quais elas se haviam desenvolvido até então. De formas evolutivas das forças produtivas que era, essas relações convertem-se em entraves. Abre-se, então, uma época de revolução social<sup>10</sup>

O trecho acima, não raro erroneamente interpretado como um “esquema geral” da obra de Marx<sup>11</sup>, trata-se de uma metáfora muito relevante para compreender a ossificação das relações sociais. Enquanto as relações de produção e reprodução da vida humana que se desenvolvem no cotidiano das relações materiais são, por definição, dinâmicas, as expressões

<sup>10</sup> MARX, Karl. Prefácio. In: MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Trad. Intro. Florestan Fernandes. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 47.

<sup>11</sup> A ideia desenvolvida nesta passagem é muito presente em diversos manuais de estudos marxistas como uma teoria geral sobre a economia, o Estado e o direito na obra de Marx. Marta Harnecker e Gabriela Uribe (1976), por exemplo, explicam a metáfora de modo estante e excessivamente simplista, retirando da figura de linguagem seu próprio caráter essencial — ser uma *metáfora*: “O conjunto destes elementos econômicos, jurídicos, políticos e ideológicos constitui a sociedade. Todas as sociedades são, portanto, organizações complexas em que existem dois níveis: um nível econômico e um nível jurídico-político-ideológico. Ambos se conjugam para manter o funcionamento da sociedade no seu conjunto. No entanto estes níveis não têm a mesma importância para o funcionamento da sociedade. Vimos que o nível econômico — a forma como os homens produzem os bens materiais e as relações que se estabelecem entre eles no processo de produção — é o nível fundamental, aquele que determina todo o funcionamento da sociedade; são as relações que se estabelecem entre os proprietários dos meios de produção e os trabalhadores que nos revelam o segredo mais escondido a base mais oculta de toda a sociedade e são elas que nos explicam porque é que surgem determinadas formas de Estado e determinados tipos de ideias nessa sociedade” HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. *Explorados e exploradores 1: cadernos de educação popular* (CEP). Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1976.

que delas surgem (e que delas dependem), conseqüentemente não acompanharão todas as mudanças e estarão sempre um pouco atrasadas. A superestrutura jurídica e política à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência se eleva a partir de uma base determinada pela organização da produção da vida material, de modo que “o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual”.

Logo, a “superestrutura” sempre se altera depois das mudanças estruturais, podendo servir como um fóssil para observarmos uma estrutura antiga, tal como Morgan vê o sistema de consanguinidade, e Marx concorda com ele neste aspecto. A ossificação representa os diferentes tempos de transformação das relações materiais de produção em relação aos elementos jurídicos, filosóficos, etc. A partir dessa compreensão, é possível ter uma ideia da relação traçada por Marx e Engels sobre a representação do feminino na mitologia e a posição ocupada pelas mulheres reais. Passemos então para a análise das notas de Marx.

### 3 Mulheres e deusas na literatura grega

#### 3.1 As notas de Marx

Em um trecho referente à *Parte III. Desenvolvimento da ideia de família* [*Growth of the idea of the family*], *Cap. V. A família monogâmica* [*The Monogamian Family*], da obra de Morgan, Marx anota:

Em todos os tempos predominou entre os gregos um princípio de egoísmo calculado por parte dos homens, *raramente encontrado entre os selvagens*, que tendia a diminuir a estima das mulheres. Os costumes de séculos imprimiram nas mentes das mulheres gregas o sentimento de sua inferioridade [Mas a situação das *deusas do Olimpo* mostra reminiscências de uma posição anterior das mulheres, mais livre e influente. A Juno dominadora, a deusa da sabedoria nasce da cabeça de Zeus, etc.] Talvez foi... necessário para a raça para passar do sistema sindiásmico para o monogâmico. Os gregos permaneceram *bárbaros* no auge de sua civilização no tratamento do sexo feminino; sua educação era superficial, proibição de coito com o sexo oposto, sua inferioridade lhe foi inculcada como princípio, a ponto de *ser aceita como fato pelas próprias mulheres*. A mulher não era uma companheira igual ao marido, mas *uma filha em relação a ele*. Ver Becker: *Charicles*<sup>12</sup>

O crescente poder que trouxe a monogamia foi — o desenvolvimento da propriedade e o desejo de transmiti-la às crianças — *herdeiros legítimos*, a verdadeira prole do par casado — apareceu no *estágio mais elevado da Barbárie* — como proteção contra a sobrevivência de certa parte da antiga *jura conjugalia*; o novo uso: o *confinamento das esposas*; o plano de vida entre os gregos civilizados — *um sistema de confinamento e restrições para as mulheres*<sup>13</sup>

<sup>12</sup> BECKER, Wilhelm Adolf. *Charicles: Or, Illustrations of the Private Life of the Ancient Greeks*. Londres: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1848.

<sup>13</sup> “Von Anfang bis End unter d. Griechen a principle of studied selfishness among the males, tending to lessen the appreciation of women, *scarcely found among savages*. The usages of centuries stamped upon the minds of Grecian women a sense of their inferiority. [Aber d. Verhältnis d. *Göttinnen im Olymp* zeigt Rückerinnerung an frühere freiere u. einflussreichere Position der Weiber. Die Juno herrschsüchtig, die Weisheit —Göttin springt aus Kopf d. Zeus etc] Es war vielleicht... dieser Race nöthig, um aus Syndyasmian in Monogamian System herüberzukommen. Greeks blieben *barbarians* in their treatment of the female sex at the height of their civilization; their education superficial, intercourse with the opposite sex denied them, their inferiority inculcated as a principle

Aqui, destacamos que a intervenção direta de Marx aparece entre colchetes: “[Mas a situação das *deusas do Olimpo* mostra reminiscências de uma posição anterior das mulheres, mais livre e influente. A Juno dominadora, a deusa da sabedoria nasce da cabeça de Zeus, etc.]”, e as demais partes são um resumo de ideias que aparecem já em Morgan, sendo as frases entre colchetes sua única contribuição autêntica. Neste trecho, Marx não só sinaliza uma concordância com Morgan sobre o caráter geral da situação de inferioridade das mulheres gregas, mas, em uma contribuição própria, aponta para a existência de um período histórico anterior, já extinto na Antiguidade clássica, em que as mulheres detinham uma condição mais igualitária, o qual teria deixado vestígios na mitologia. Juno é o nome romano da deusa grega Hera, irmã e esposa de Zeus, e a deusa da sabedoria seria uma referência a Atena, que nasce da cabeça de Zeus<sup>14</sup>. A herança dessa forma de organização social pregressa permaneceu ossificada, e as deusas continuaram a ser figuras de grande influência na sociedade, apesar de as mulheres já não mais possuírem o mesmo *status*. Desse modo, a mitologia se coloca enquanto fóssil social do período anterior e a evidência para tal é justamente a posição das deusas.

Marx não determina quando nasce a hierarquia entre homens e mulheres, mas reforça que esteve presente desde o início da história conhecida da Grécia Antiga: “Em todos os tempos predominou entre os gregos um princípio de egoísmo calculado por parte dos homens, *raramente encontrado entre os selvagens*, que tendia a diminuir a estima das mulheres”. Nesse sentido, parece que o tratamento inferiorizante das mulheres dentre os gregos é um dos fundamentos específicos de sua forma de organização social desde sua gênese (a partir do “egoísmo calculado dos homens”), mas que foi se aprofundando ao longo dos séculos, já alcançando um nível bastante agudo na Antiguidade, ao menos desde o período heroico. Tampouco temos uma referência específica de literatura, de modo que podemos entender que diz sobre a forma geral de representação das deusas na mitologia, a qual chegou até nós principalmente por meio dos textos literários, desde a poesia arcaica épica (VIII-VI a.C), até o

---

upon them, until it *came to be accepted as a fact by the women themselves*. D. wife not companion equal to her husband, but *in the relation of a daughter*.”

BECKER, *Charicles*, cit.

Da d. moving power which brought in monogamy was - the growth of property and the desire for its *transmission to children — legitimate heirs*; the *actual progeny of the married pair — in the Upper Status of Barbarism* sprang up — als protection gegen d. survival of some portion of the ancient *jura conjugalia — the new usage: the seclusion of wives*; plan of life among the civilized Greeks — *a system of female confinement and restraint*. MARX, *The Ethnological Notebooks*, cit., p. 121

<sup>14</sup> As versões sobre o nascimento de Atena na literatura grega são díspares, mas convergem no fato de que Atena não teria nascido de uma mãe. Na versão da *Teogonia* de Hesíodo, por exemplo, ela não nasce da cabeça de Zeus, mas o treme-terra engole sua amante Astúcia antes que pudesse parir, e assim pare Atena ele mesmo, para que a “(...) honra de rei / não tivesse em vez de Zeus outro dos Deuses perenes”. HESÍODO, *Teogonia*. São Paulo: Iluminuras, 2013. v. 891-892.

teatro do período clássico (V-IV a.C). Marx não nega a historicidade da dominação do homem sobre a mulher — muito pelo contrário. Porém, coloca que esta desigualdade está presente na Grécia durante toda a Antiguidade, então a sociedade mais igualitária, em que as mulheres detinham uma posição mais livre e influente deve ser anterior.

Há uma menção aos “selvagens”, que pode ser uma referência de Morgan à divisão da história proposta por ele em três grandes períodos étnicos, respectivamente: selvageria, barbárie e civilização; sendo os dois primeiros subdivididos entre fases inferior, média e superior<sup>15</sup>. Nesse sentido, para ele, os gregos, desde a “selvageria”, possuíam tal “princípio” de “egoísmo calculado dos homens” não muito comum entre organizações “selvagens” ou pregressas. É válido pontuar que Marx, em seus cadernos, é crítico em relação ao evolucionismo de Morgan, e não adere à divisão da história em períodos étnicos baseados em uma ideia unilinear de progresso humano universal proposta pelo antropólogo<sup>16</sup>. Aqui, porém, o autor de *O capital* parece estar de acordo com a ideia geral de que haveria uma opressão feminina especificamente reforçada na sociedade grega como um todo, ao menos a partir do período heroico.

Vale mencionar que, mais à frente, Marx transcreve em suas notas a seguinte concepção de Morgan: “(...) *Gentes e fratrias* gregas deixaram de herança para a nova sociedade, que estavam destinadas a fundar: suas *instituições, artes, invenções e sistema mitológico (politeísta)*”<sup>17</sup>. Esta tese reforça ainda mais o caráter de fóssil social da mitologia para Marx, que se estende também para as instituições, artes e invenções. A mitologia politeísta grega teria sido estabelecida no período em que a sociedade se organizava através da *gens* (ou *γένος*, do grego), que, em linhas gerais, é a unidade de uma forma de organização social baseada no parentesco. Um conjunto de *gentes* forma uma fratria, um conjunto de fratrias uma tribo, e o conjunto de tribos uma confederação, representando os estágios sucessivos de integração<sup>18</sup>. A sociedade gentílica se opõe à sociedade política, na qual já há o desenvolvimento do Estado.

---

<sup>15</sup> Periods / Conditions

I. Lower Status of Savagery, From the Infancy of the Human Race to the commencement of the next Period.

II. Middle Status of Savagery, From the acquisition of a fish subsistence and a knowledge of the use of fire to etc.

III. Upper Status of Savagery, From the Invention of the Bow and Arrow, to etc.

IV. Lower Status of Barbarism, From the Invention of the Art of Pottery, to etc.

V. Middle Status of Barbarism, From the Domestication of animals on the Eastern hemisphere, and in the Western from the cultivation of maize and plants by Irrigation, with the use of adobe-brick and stone, to etc.

VI. Upper Status of Barbarism, From the Invention of the process of Smelting Iron Ore, with the use of iron tools, to etc.

VII. Status of Civilization, From the Invention of a Phonetic Alphabet, with the use of writing, to the present time. MORGAN, *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, cit., p. 12.

<sup>16</sup> ÁLVARES, *Flechas e Martelos*, cit.

<sup>17</sup> Greek *gentes* u. *phratries* liessen *als by aim* to the new society they were destined to found: their *institutions, arts, inventions* u. *mythological (polytheistic) system*. MARX, *The Ethnological Notebooks*, cit., p. 203-204

<sup>18</sup> *Ibidem*. p. 144

Assim, ainda que a sociedade grega concreta tenha superado a organização gentílica em direção à política, a mitologia teria se ossificado, permanecendo como herança fossilizada do período em que os gregos se organizavam em gentes e fratrias.

Vamos examinar, agora, o contexto em que o comentário sobre a situação das deusas no Olimpo aparece nos *Cadernos*, visando entender melhor o nexos causal da tese de Marx. Conforme colocamos, o trecho referenciado por Marx está na *Parte III. Desenvolvimento da ideia de família* [*Growth of the idea of the family*], *Cap. V. A família monogâmica* [*The Monogamian Family*] de *Ancient Society*. Nesse sentido, analisar-se-á alguns elementos da obra de Morgan, ainda que o foco do presente texto não seja tratar de *Ancient Society*, a fim de compreender os fundamentos do comentário marxiano sobre a posição das mulheres gregas e elucidar sua contribuição acerca da representação feminina:

Entre os gregos, desde o início até o fim, havia um princípio de egoísmo ou de egoísmo estudado em ação entre os homens, tendendo a diminuir o apreço pela mulher, raramente encontrado entre os selvagens. Revela-se no seu plano de vida doméstica, que nos escalões superiores isolava a mulher para impor uma coabitação exclusiva, sem admitir a obrigação recíproca por parte do marido. Implica a existência de um sistema conjugal anterior do tipo turaniano, contra o qual foi concebido para se proteger. Tão poderosamente os usos de séculos imprimiram nas mentes das mulheres gregas um senso de sua inferioridade, que elas não se recuperaram disso até o último período da ascendência grega. Foi, talvez, um dos sacrifícios exigidos à mulher para trazer esta porção da raça humana da família sindiásmica para a família monogâmica. Ainda permanece um enigma o facto de uma raça, com dons suficientemente grandes para imprimir a sua vida mental no mundo, ter permanecido essencialmente bárbara no seu tratamento do sexo feminino no auge da sua civilização<sup>19</sup>

Então, Morgan diz que há já bastante material sobre a condição das mulheres gregas em razão do material elaborado pelo historiador Wilhelm Adolf Becker em suas *Charicles: or, Illustrations of the private life of the ancient Greeks*, faz um resumo em nota de rodapé e expõe no corpo do texto algumas de suas ideias<sup>20</sup>, o qual Marx não copia, simplesmente menciona

---

<sup>19</sup> From first to last among the Greeks there was a principle of egotism or studied selfishness at work among the males, tending to lessen the appreciation of woman, scarcely found among savages. It reveals itself in their plan of domestic life, which in the higher ranks secluded the wife to enforce an exclusive cohabitation, without admitting the reciprocal obligation on the part of her husband. It implies the existence of an antecedent conjugal system of the Turanian type, against which it was designed to guard. So powerfully had the usages of centuries stamped upon the minds of Grecian women a sense of their inferiority, that they did not recover from it to the latest period of Grecian ascendancy. It was, perhaps, one of the sacrifices required of womankind to bring this portion of the human race out of the syndyasmian into the monogamian family. It still remains an enigma that a race, with endowments great enough to impress their mental life upon the world, should have remained essentially barbarian in their treatment of the female sex at the height of their civilization. The wife was not the companion and the equal of her husband, but stood to him in the relation of a daughter; thus denying the fundamental principle of monogamy, as the institution in its highest form must be understood (MORGAN, *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, cit. p. 482)

<sup>20</sup> Algumas das ideias de Becker apresentadas por Morgan são que as mulheres gregas eram tratadas como incapazes, como menores de idade ao longo da vida; que viviam em confinamento, especialmente as solteiras, que eram mantidas em reclusão até o casamento, esposa jovem raramente deixava a casa sem o conhecimento do marido e era limitada à companhia de escravas, e somente podiam sair acompanhadas por uma escrava designada pelo marido; que geração de filhos era vista como o principal objetivo do casamento, com pouca importância dada

(“Ver Becker, Charicles”). Em suas anotações, Marx faz um salto em comparação ao texto original, pulando aproximadamente um parágrafo e meio, além do rodapé, até a menção da relação da herança com o confinamento das mulheres<sup>21</sup>.

Comparando os trechos de Morgan e Marx, podemos explicar melhor alguns elementos que fazem parte do conjunto da obra do primeiro, mas não necessariamente detém o mesmo sentido para o segundo. Como já havíamos apontado anteriormente, a ideia de que o egoísmo dos homens imprimia uma estima diferente sobre as mulheres, e isso diferencia o grego de outros “selvagens” é uma concepção desenvolvida por Morgan, não Marx. Para Morgan, os gregos também tiveram um desenvolvimento social atipicamente rápido, e talvez estaria relacionado com o este lugar oprimido da mulher, de modo que sua subjugação foi “um dos sacrifícios exigidos à mulher para trazer esta porção da raça humana da família sindiásmica para a família monogâmica”. Nesse sentido, mesmo após alcançarem o auge de sua civilização, os gregos também “permaneceram bárbaros (...) no tratamento do sexo feminino”, de modo que suas mulheres eram tratadas não com igualdade, mas como filhas, crianças, incapazes em relação a seus maridos. O uso dos termos aqui colocados, como “selvagens”, “civilização”, “bárbarie”, dentre outros, bem como a ideia de um “sacrifício” das mulheres para a chegada à monogamia e suas implicações, dificilmente são ideias que podem ser atribuídas a Marx, sendo compreensões essencialmente vinculadas à teoria de Morgan.

Tanto o rápido desenvolvimento da civilização grega e da família monogâmica, quanto o lugar de inferioridade que as mulheres ocuparam, estariam — e Marx demonstra um interesse específico nesta parte, ressaltando muitos elementos deste tema no texto original — relacionados com o desenvolvimento da propriedade e o desejo de transmiti-la aos filhos através da herança. Se antes a organização familiar se organizava a partir da linhagem materna, com a estrita restrição das mulheres ao ambiente doméstico a partir do confinamento das esposas pôde-se assegurar a paternidade dos filhos e, portanto, consolidar a transmissão de herança pela linhagem paterna. Essa seria a associação entre o plano de vida doméstica dos gregos enquanto um regime de confinamento e restrições para as mulheres e o rápido desenvolvimento da propriedade privada e das forças produtivas com ela associadas.

A família monogâmica é uma forma histórica de organização familiar que daria as bases para a formação da família monogâmica moderna. É importante mencionar que Marx e

---

ao conhecimento prévio da noiva ou afeição íntima; que a esposa tinha o papel de administrar toda a casa e cuidar das crianças até que fossem entregues a um mestre (no caso dos meninos) ou até o casamento (no caso das meninas); que a lei impunha a continência de maneira desigual, exigindo da esposa a mais estrita fidelidade enquanto permitia ao marido envolver-se com hetærae; dentre outras. *Ibidem*, p. 483-485

<sup>21</sup> *Ibidem*, p. 484-485.

Engels aceitam a historicidade da família em seu sentido mais amplo, bem antes da publicação de *Ancient Society*<sup>22</sup>. A contribuição inovadora de Morgan para sua época está em, ao conviver com os iroqueses, nativos norte-americanos que foram seus contemporâneos, identificar organizações familiares específicas progressas a partir de um sistema de consanguinidade ossificado, a partir das quais formulou hipóteses sobre o desenvolvimento da família na história a partir de cinco formas específicas, precedidas pelo estado originário das sociedades humanas de relação sexual indiscriminada: I: A família consanguínea; II: A família punaluana; III: A família sindiásmica; IV: A família patriarcal; V: A família monogâmica<sup>23</sup>.

Não iremos nos deter a analisar estas formas de família, tampouco as diferenças entre a aderência de Marx e de Engels a este modelo proposto em *Ancient Society*. O que nos interessa, agora, é entender que a forma familiar presente na sociedade grega do período heroico é a família monogâmica, na qual há um casamento entre um homem e uma mulher que vivem em uma habitação exclusiva. Marx parece concordar com a ideia geral de Morgan que a mulher grega já no período heroico vivia em um regime de restrições domésticas muito rigoroso, tendo pouco ou nenhum poder de atuação na vida social e política grega, e isso reflete na mitologia a partir do papel que as personagens femininas humanas desempenham. Já as deusas, ainda que

---

<sup>22</sup> Ana Cotrim e Vera Cotrim (2020), ao analisar principalmente os *Manuscritos econômico-filosóficos de 1844*, mas também *A ideologia alemã*, os *Grundrisse*, e *O Capital*, expõem o contraste entre Hegel e Marx no sentido de que, para o segundo, a família, em seu sentido mais amplo, já “é compreendida como forma histórica, portanto superável, de relação homem-mulher”. Ou seja, ao contrário de outros relevantes pensadores de sua época e anteriores, e muitas décadas antes da publicação de *Ancient Society*, Marx já defendia a historicidade da família, e, portanto, a possibilidade de sua superação. COTRIM, Ana; COTRIM, Vera. Hegel e Marx sobre o patriarcado: naturalização e ruptura. *Cerrados*, Brasília, n. 52, 2020. p. 123

<sup>23</sup> I. *The Consanguine Family*. (...) It was founded upon the intermarriage of brothers and sisters in a group. Evidence still remains in the oldest of existing systems of Consanguinity, the Malayan, tending to show that this, the first form of the family, was anciently as universal as this system of consanguinity which it created.

II. *The Punaluan Family*. (...) Its name is derived from the Hawaiian relationship of Punalua. It was founded upon the intermarriage of several brothers to each other's wives in a group; and of several brothers to each other's husbands in a group. But the term brother, as here used, included the first, second, third, and even more remote male cousins, all of whom were considered brothers to each other, as we consider own brothers; and the term sister included the first, second, third, and even more remote female cousins, all of whom were sisters to each other, the same as own sisters. This form of the family supervened upon the consanguine. It created the Turanian and Ganowanian systems of consanguinity. Both this and the previous form belong to the period of savagery.

III. *The Syndyasmian Family*. (...) The term is from *syndyazo*, to pair, *syndyasmos*, a joining two together. It was founded upon the pairing of a male with a female under the form of marriage, but without an exclusive cohabitation. It was the germ of the Monogamian Family. Divorce or separation was at the option of both husband and wife. This form of the family failed to create a system of consanguinity.

IV. *The Patriarchal Family*. (...) It was founded upon the marriage of one man to several wives. The term is here used in a restricted sense to define the special family of the Hebrew pastoral tribes, the chiefs and principal men of which practiced polygamy. It exercised but little influence upon human affairs for want of universality.

V. *The Monogamian Family*. (...) It was founded upon the marriage of one man with one woman, with an exclusive cohabitation; the latter constituting the essential element of the institution. It is preeminently the family of civilized society, and was therefore essentially modern. This form of family also created an independent system of consanguinity.

MORGAN, *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, cit., p. 27-8.

haja diferenças entre o papel atribuído a elas e aos deuses masculinos, detém um papel ativo de participação na esfera religiosa e atuação na realidade que contrasta muito com a posição doméstica e restritiva das mulheres dentro da família monogâmica.

Nesse sentido, Marx se baseia em Morgan, citando também Becker (ao menos a interpretação de Becker como exposta em *Ancient Society*), para pontuar essa diferença, justificada como uma herança que permaneceu na esfera religiosa de um momento histórico em que as mulheres de fato não viviam um cotidiano tão restritivo. Enquanto a realidade concreta das mulheres mudou, as deusas continuaram a ser cultuadas, seguindo dotadas de uma capacidade de ação que vai muito além da vida doméstica das esposas ou escravas.

Vale pontuar que não há evidência suficiente para extrapolarmos a concordância de Marx com Morgan nos demais trechos em que simplesmente copia a obra de Morgan em suas notas, considerando que, como já explicamos, não estava escrevendo um manuscrito, mas apenas anotações críticas. Podemos sinalizar uma concordância com a ideia geral do antropólogo acerca da historicidade da família monogâmica e da inferioridade com que as mulheres gregas eram tratadas, mas elementos como o egoísmo dos homens, a transição da “raça” entre “períodos étnicos” ou até mesmo a relação da herança com a propriedade privada ficam, nesse momento, muito mais como uma tese de Morgan que de Marx propriamente dito, por mais que este último ponto tenha despertado um interesse especial do autor de *O Capital*.

O que é valioso para nós, neste trecho, é justamente a interpolação marxiana direta em que trata da representação do feminino na mitologia grega. Como vimos, Marx acrescenta algo que não está na teoria de Morgan, que “a situação das deusas do Olimpo mostra reminiscências de uma posição anterior das mulheres, mais livre e influente. A Juno dominadora, a deusa da sabedoria nasce da cabeça de Zeus, etc.”. Nesse sentido, diferente de Morgan, Marx pontua o caráter de fóssil social da própria mitologia grega. Acerca desta passagem, Marcello Musto comenta:

Ainda sobre a questão do status das mulheres na família, Marx prestou muita atenção às considerações que Morgan havia desenvolvido sobre a paridade entre os sexos. Este observara que as sociedades antigas, no tocante ao tratamento e comportamento em relação às mulheres, eram muito mais avançadas. A propósito, Marx copiou as partes do livro de Morgan em que ele observou que, entre os gregos “a transição da descendência da linha feminina para a masculina foi prejudicial à posição e aos direitos das esposas e das mulheres”. O antropólogo estadunidense acrescentou que na Grécia Antiga “reinava um princípio de particular egoísmo entre os homens, tendendo a diminuir o julgamento [sobre o valor das] mulheres, o que era pouco presente entre os ‘selvagens’”. Morgan avaliou muito negativamente o modelo social grego. Os gregos “permaneceram bárbaros na forma de tratar as mulheres, mesmo no auge de sua civilização. Sua educação era superficial [.. e] nela vinha inculcada a inferioridade como um princípio, até ser aceita como uma realidade pelas próprias mulheres”. Daí o arguto comentário de Marx sobre a contradição com as mulheres nos mitos do mundo clássico: “o *status* das deusas no Olimpo é um lembrete da

posição outrora mais livre e influente das mulheres. Juno ávida por domínio, a deusa da sabedoria sai da cabeça de Zeus etc.”<sup>24</sup>

De modo semelhante com o que vínhamos trabalhando, Musto expõe que Marx demonstra interesse sobre a condição da mulher na família, destacando as considerações de Morgan sobre a disparidade de gênero na sociedade grega, a qual o autor de *Ancient society* avalia de modo bastante negativo. Musto, então, aponta a contribuição autêntica de Marx, ressaltando que há uma contradição entre a situação das mulheres gregas com a das deusas na mitologia grega clássica, que trata como astuciosa. Para nós, isso demonstra a relevância de dissecar esta passagem e suas ideias principais, ainda pouco debatidas nos meios marxistas e feministas.

Já Kevin Anderson aponta que a passagem de Marx sobre as deusas “apresenta a dominação masculina como um fenômeno contraditório, expressando pelo menos alguns indícios de resistência”<sup>25</sup>. Para ele, “Em contraste com o retrato totalmente sombrio da dominação masculina na Grécia em Engels e Morgan, a intervenção de Marx torna a passagem mais dialética, sugerindo que a ideologia de gênero grega estava rachada por profundas falhas sísmicas” (*idem*) e que, nesse sentido, “as deusas gregas (...) ofereceram uma perspectiva alternativa no interior da ordem patriarcal”<sup>26</sup>.

Discordamos da posição de Anderson quando diz que a posição das deusas sugeria resistência e falhas na ideologia de gênero da sociedade grega, oferecendo uma alternativa interna à ordem patriarcal. Para nós, a única perspectiva alternativa que as deusas podem ter sugerido é anterior à determinação patriarcal<sup>27</sup>, não se dando na Antiguidade, mas numa sociedade progressiva baseada na organização gentílica. Isso não significa que a relação de gênero no interior da sociedade grega para Marx era “sombria”, “antidialética”, ou que ele ignorava a resistência das mulheres à própria opressão. Nesse sentido, não necessariamente contrasta com retratos mais pessimistas de Engels e Morgan, e nem é pessimista por si próprio. A passagem de Marx tão somente remonta a um período anterior, não sugerindo que as mulheres mantiveram a figura das deusas como uma forma de resistência, mas que a religião grega permaneceu ossificada, isto é, pode ser analisada como um fóssil social.

---

<sup>24</sup> MUSTO, Marcello. *Karl Marx: Biografia intelectual e política (1857-1883)*. São Paulo: Expressão Popular, 2023, p. 247.

<sup>25</sup> ANDERSON, Kevin. *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019, *cit.*, p. 301.

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 302

<sup>27</sup> Aqui, utilizamos “patriarcal” não no sentido de “família patriarcal” de MORGAN. *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*, mas como utilizado por Anderson no trecho supramencionado, que detém um sentido mais geral vinculado à dominação masculina. *Idem*.

Em suma, aqui demonstramos que Marx possui uma ideia geral de que a mitologia grega é uma herança de um período histórico progressivo, um fóssil social que pode ser evidenciado pelo papel que as deusas desempenham na mitologia. Para utilizar os exemplos do próprio autor, não é sem importância que a deusa da sabedoria, Atena, seja feminina, ou que tenhamos a presença ativa de uma deusa como a Hera no Olimpo. Engels irá fazer referência a esta ideia, e presumidamente a este trecho em específico, em sua obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, apresentando sua interpretação da ideia central de Marx sobre a representação das mulheres e deusas na literatura grega, como veremos no próximo tópico.

### 3.2 A referência de Engels e a literatura homérica:

Em referência à intervenção direta do Marx que expusemos acima, Engels comenta:

Encontramos essa nova forma de família, com toda a sua dureza, entre os gregos. Enquanto a posição das deusas na mitologia, como observa Marx, nos confronta com um período mais antigo, em que as mulheres ainda gozavam de mais liberdade e respeito, no período heroico encontramos a mulher já rebaixada pela supremacia do homem e pela concorrência das escravas. Leia-se na *Odisseia* como Telêmaco manda sua mãe se retirar aos seus aposentos. Em Homero, as jovens capturadas são alvo da volúpia dos vencedores; os comandantes escolhem as mais bonitas, de acordo com uma ordem estabelecida pela hierarquia; como se sabe, toda a *Ilíada* gira em torno da briga entre Aquiles e Agamenon por causa de uma dessas escravas. Para cada herói homérico de importância, menciona-se a prisioneira de guerra com a qual ele compartilha sua tenda e sua cama. Essas moças também eram levadas para a pátria e para a casa matrimonial dos heróis, como Agamenon faz com Cassandra em Ésquilo; os filhos gerados com essas escravas recebem uma pequena parte da herança paterna e são considerados plenamente livres; Teucro é um desses filhos extramatrimoniais de Télamon e tem permissão para usar o nome do pai. Da esposa espera-se que aceite tudo, mas ela própria deve manter castidade rigorosa e fidelidade ao cônjuge. De fato, a mulher grega da época heroica é mais respeitada do que a do período civilizado, mas, no fim das contas, ela é para o homem apenas a mãe de seus herdeiros matrimoniais, a suprema gestora da casa e a líder das escravas, que ele pode tomar a seu bel-prazer, e de fato toma, como concubinas. É a existência da escravidão ao lado da monogamia, a presença de escravas jovens e belas que pertencem por inteiro ao homem, que imprime desde o início à monogamia o seu caráter específico: ser monogamia apenas para a mulher, mas não para o homem. E esse caráter ela mantém até hoje<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> ENGELS, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, cit. P. 65-66.

Este é o texto da versão ampliada por Engels em 1891. Vale mencionar o texto da edição de 1884, em que Becker também é mencionado, como nas notas de Marx. Vejamos a nota editorial da edição que estamos utilizando: “\*\* O texto seguinte até as palavras: ‘Porém, apesar de toda clausura e vigilância,...’ [cit p. 67] é a versão ampliada por Engels em 1891. Em 1884, seu teor era o seguinte: ‘em reclusão semiprisonal, para garantir a paternidade correta das crianças. O homem, em contraposição, diverte-se com escravas prisioneiras de guerra, suas companheiras de tenda na guerra. Praticamente não melhora no período clássico. Podemos ler extensamente no *Charikles*, de Becker, como os gregos tratavam suas mulheres. Mesmo que não as tenham exatamente trancafiado, mas sim as tenham isolado do mundo, elas se tornaram as servas domésticas principais dos seus maridos, restritas ao relacionamento principalmente com as demais servas domésticas. As moças eram trancafiadas diretamente, as mulheres só saíam acompanhadas pelas escravas. Quando chegava visita masculina, a mulher se recolhia ao seu aposento (N. E. A.)” *Idem*.

Aqui, Engels está se referindo ao surgimento da família monogâmica entre os gregos, que já está plenamente estabelecida no período heroico, aspecto em que parece estar de acordo com Morgan. Então, adiciona a referência a Marx: “Enquanto a posição das deusas na mitologia, como observa Marx, nos confronta com um período mais antigo, em que as mulheres ainda gozavam de mais liberdade e respeito, no período heroico encontramos a mulher já rebaixada pela supremacia do homem e pela concorrência das escravas”. Nesse sentido, Engels interpreta o comentário de Marx de modo semelhante ao que expusemos no capítulo anterior, acrescentando que no período heroico dois fatores rebaixam a mulher grega, a supremacia do homem e a concorrência das escravas. Para Engels, o que ele chama de heterismo é uma característica da monogamia tanto antiga quanto moderna, de modo que a imposição de fidelidade é exclusivamente feminina, enquanto ao homem é permitido viver relacionamentos secundários — no caso do homem grego de posses, esses relacionamentos são tidos sobretudo com suas escravas. Ele defende que o heterismo é degradante para a esposa, que irá concorrer com as mulheres escravizadas, sinalizando que haveria uma competição pela atenção do marido, o que aos olhos atuais é um tanto quanto questionável.

De todo modo, o que Engels ressalta do heterismo é uma característica importante da monogamia tanto grega quanto moderna, que é retomada ao final do parágrafo. Para ele, a mulher grega é inferiorizada, a do período clássico ainda mais que do heroico, mas ambas possuem um papel social restrito ao de mãe dos herdeiros. A esposa de um homem de posses é a “suprema gestora da casa e a líder das escravas, que ele pode tomar a seu bel-prazer, e de fato toma, como concubinas”. A família monogâmica, portanto, pressupõe a existência e a disseminação da propriedade privada, concentrada nas mãos de alguns homens, que tomam uma esposa fiel que garantirá a transmissão da herança para seus herdeiros, bem como da escravidão, que aqui também possui um caráter sexual importante: “É a existência da escravidão ao lado da monogamia, a presença de escravas jovens e belas que pertencem por inteiro ao *homem*, que imprime desde o início à monogamia o seu caráter específico: ser monogamia *apenas para a mulher*, mas não para o homem. E esse caráter ela mantém até hoje”. Então, as escravas possuem um duplo caráter, ao mesmo tempo que “disputam” a atenção masculina com a esposa, também o fazem por obrigação, cumprindo o seu papel não só de escravas domésticas, mas também de escravas sexuais, de modo que o homem as toma a seu bel-prazer.

Essa tese de Engels, baseada nas notas de Marx com o acréscimo de suas contribuições próprias, é reforçada a partir de analogias com a literatura. Tomemos o exemplo da *Odisseia*, como colocado na passagem retirada d’*A origem...*: “Leia-se na *Odisseia* como Telêmaco manda sua mãe se retirar aos seus aposentos”. Na obra de Homero, a mãe de Telêmaco e esposa

de Odisseu, Penélope, é apresentada logo no início sofrendo pela falta do cônjuge que há vinte anos saiu de Ítaca, onde viviam, para lutar na Guerra de Tróia, e, mesmo com a vitória dos gregos, ainda não tinha regressado. Em sua própria casa, Penélope, ao escutar um aedo cantando a história do grande Ulisses, pede a ele que cesse a música, pois a atormenta tamanha saudade:

“(…) Mas cessa já esse canto tão triste,  
que sempre no meu peito o coração me despedaça,  
visto que em mim está entranhada uma dor inesquecível.  
Pois vem-me sempre à memória a saudade daquele rosto  
do marido a quem toda a Hélade e Argos celebram”<sup>29</sup>

Logo, Telêmaco a censura, pedindo que o aedo continue o canto e que ela retorne a seus aposentos e a suas funções enquanto mulher na casa: o labor, o tear, a roca, e o comando das servas, e reforça explicitamente que não é seu lugar falar, dar sua opinião — ele é quem manda na casa. Diz:

“(…) Não foi só Ulisses que perdeu o dia do retorno  
em Troia; também pereceram muitos outros.  
Agora volta para os teus aposentos e presta atenção  
aos teus labores, ao tear e à roca; e ordena às tuas servas  
que façam os seus trabalhos. Pois falar é aos homens  
que compete, a mim sobretudo: sou eu quem manda nesta casa.”<sup>30</sup>

Resignadamente, a mãe obedece às ordens de seu filho, chefe da casa (ao menos enquanto Odisseu está ausente), e retorna a seus aposentos, onde novamente chora por seu marido:

Penélope, espantada, regressou para a sua sala  
e guardou no coração as palavras prudentes do filho.  
Depois de subir até seus aposentos com as servas,  
chorou Ulisses, o marido amado, até que um sono suave  
lhe lançasse sobre as pálpebras Atena de olhos esverdeados<sup>31</sup>.

Sua estória é centrada no sofrimento pela ausência do marido, postergando a necessária escolha de um novo pretendente dentre os cento e oito jovens aristocratas que a cortejam em sua casa, preservando-se no aguardo de Odisseu, mesmo após vinte anos de sua partida, além de, claro, obedecer à autoridade de seu filho. Seu poder de atuação é restrito ao ambiente doméstico e ao controle das servas. Penélope é um modelo positivo de esposa para a sociedade grega.

Em contrapartida, temos as deusas. Na *Odisseia*, para fazermos jus ao exemplo dado por Marx, temos uma presença muito marcante de Atena. Ela é a deusa que, solidarizando-se com Odisseu, mais irá interferir no mundo para garantir seu retorno e a retomada de sua posição

<sup>29</sup> HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011, p. 130: 1, 340-4.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 130: 1, 354-9.

<sup>31</sup> *Ibidem*, p. 130: 1, 360-4.

social enquanto *Basileus* de Ítaca. Ela age direta ou indiretamente sobre os humanos (ora se revelando, ora se ocultando), como quando aparece em um sonho de Penélope com a imagem de sua irmã<sup>32</sup>, serve como mentora para Telêmaco<sup>33</sup>, atua no convencimento dos deuses em prol do retorno<sup>34</sup>, elabora planos e ardis, por exemplo quando transformou Odisseu em um velho pedinte disfarçado ao chegar em Ítaca para enganar os pretendentes<sup>35</sup>, dentre outros, sempre se colocando como a maior aliada do herói. Atena é representada como uma deusa extremamente artilosa, influente e poderosa. Em termos de astúcia, talvez seja a personagem à qual Odisseu mais se aproxima, ele mesmo hábil, dentro dos limites possíveis aos humanos, na formulação de ardis.

É Atena quem convenceu Zeus, diante dos deuses, a assegurar o retorno de Ulisses à Ítaca, em uma assembleia entre os divinos (5, 1-6). Assim, ela é exposta como uma divindade com grande poder de atuação na realidade, por mais que submetida à vontade de Zeus, tal como os demais deuses. Extrapolando as contribuições de Marx e de Engels, vale mencionar que, quando acontece uma assembleia no mundo humano, a assembleia dos aqueus, convocada por Telêmaco, cujo tema era justamente o casamento de sua mãe, Penélope, nem mesmo ela própria participa. Ou seja, enquanto na assembleia do Olimpo há a presença e participação de deuses masculinos e femininos, com grande destaque, inclusive, para o papel de Atena, na dos aqueus, não só não há discursos de mulheres como tampouco sua presença.

Para frisar o elemento de opressão da mulher na mitologia grega, tanto das esposas quanto das escravas, os dois grandes papéis cumpridos pelas mulheres na época, Engels também cita uma série de outros exemplos da literatura, mencionando as escravas dos heróis homéricos, que eram prisioneiras de guerra tomadas como escravas sexuais. O autor frisa que toda a *Ilíada* gira em torno da briga entre Aquiles e Agamenon por causa de Briseida, uma bela escrava de guerra troiana, que também possuía um elevado *status* social antes de ser levada como prisioneira. Vale lembrar que Aquiles recebe Briseida como recompensa, o que irrita Agamenon, que toma outra escrava de Aquiles, Criseida, em retaliação, o que acaba fazendo com que Aquiles se retire da guerra contra Troia. Engels ressalta que os filhos extramatrimoniais dos heróis gregos com as escravas são considerados livres e dignos de uma parcela da herança, como é o caso de Teucro, filho bastardo de Télamon na *Ilíada*. Ele também

---

<sup>32</sup> *Ibidem*, 4, 184-81

<sup>33</sup> *Ibidem*, 1, 88-9 e 3, 21-30

<sup>34</sup> *Ibidem*, 5, 1-20

<sup>35</sup> *Ibidem*, 13, 429-38

menciona o caso de Cassandra, uma princesa troiana capturada e escravizada por Agamenon na *Oresteia* de Ésquilo.

Não iremos desenvolver todos os exemplos mencionados por Engels em nosso artigo, mas ressaltamos que ele utiliza dessas alusões para reafirmar a tese de que a esposa, enquanto deve se manter na mais rigorosa castidade, deve aceitar tudo, inclusive a infidelidade explícita do marido através de sua relação com as escravas, o que entende como um elemento central da desigualdade de gênero na família grega. Assim, entende-se que Engels interpreta corretamente a tese de Marx acerca da diferença entre as mulheres e as deusas, complementando-a a partir de exemplos literários e acrescentando o heterismo, conjugado com o rígido controle da sexualidade feminina, como relevantes para entender a família monogâmica grega. Nesse sentido, a mitologia, como retratada na literatura grega, atuaria como um fóssil social, um vestígio de que, antes desta produção cultural, existia um período em que as mulheres detinham uma posição menos subjugada dentro da sociedade.

#### **4 Considerações finais**

Tendo examinado detidamente tanto os comentários de Marx quanto de Engels, podemos concluir que ambos concordam sobre um aspecto muito particular da mitologia grega: seu caráter de fóssil social no que diz respeito às relações de gênero. A forte presença de deusas como Palas Atena, Hera Teleia, e outras como a deusa primordial Terra, as irmãs de Hera e Zeus, Héstia e Deméter, além de Afrodite, Ártemis, Perséfone e muitas outras, não deve ser considerada como um fato desprezível diante da posição restritiva e submissa que as mulheres gregas ocupavam, sejam esposas ou escravas. Como coloca o próprio Marx, a mitologia remonta a um período histórico em que as mulheres detinham uma posição mais igualitária, livre e influente em relação aos homens. Os exemplos de Engels da poesia homérica e da tragédia grega têm muito a acrescentar nesse sentido, como vimos a partir de uma análise mais detida da *Odisseia*. Ademais, ainda que Marx não mencione diretamente a literatura grega, podemos entender seu comentário como também dotado de uma referência literária mediata, de modo que a mitologia nos foi passada em grande parte através da literatura.

A existência de uma discrepância de gênero maior entre as mulheres e homens que entre deusas e deuses não significa que ela não exista também dentro do Olimpo. A compreensão desenvolvida por Marx e por Engels não estaria em discordância, por exemplo, com Adrian Kelly, que aponta que na *Teogonia* de Hesíodo, o feminino é sempre colocado associado ao mal e ao ardil, o que diferencia o mito da sucessão tripartite na tradição grega (as três gerações que marcaram o estabelecimento do poder divino, de Urano, passando por Crono,

até Zeus) de outros dois mitos com histórias de sucessão tripartite babilônicos, mais especificamente o *Enuma Elish* e a *Teogonia de Dunnu*<sup>36</sup>, embora todos os três a sucessão do poder seja passada entre deuses masculinos. A Terra, por exemplo, é representada como a “‘conspiradora materna’ frustrada”<sup>37</sup>, e Atena, como uma possível usurpadora de Zeus antes mesmo de nascer, razão pela qual Zeus engoliu sua amante Astúcia antes que pudesse parir, e assim pariu a Atena ele mesmo. Para Kelly, “Somente a tradição grega torna a deusa uma fonte de constante perigo à manutenção da ordem divina. Sexo e gênero quase se tornaram, deveras, seus conceitos fundantes”<sup>38</sup>.

Não estamos aqui para debater a validade ou invalidade das teses de Kelly, o que é relevante é que para nós, ainda que Marx e Engels não tenham desenvolvido sua concepção sobre a representação de gênero na mitologia, ela não seria necessariamente divergente de uma posição como a de Kelly. Eles não negam a inexistência de uma hierarquia de gênero entre os deuses, tão somente apontam a desproporção da situação das deusas e das mulheres diante de suas contrapartes masculinas.

Se o homem faz a religião, e “a religião é a teoria geral deste mundo, seu compêndio enciclopédico, sua lógica em forma popular, seu *point d’honneur* espiritualista, seu entusiasmo, sua sanção moral, seu complemento solene, sua base geral de consolação e de justificação”<sup>39</sup>, então parece coerente que a religião, enquanto realização fantástica da essência humana, reflita também as relações sociais, as bases materiais que a fundamentam. Assim, a religião reflete também a posição social das mulheres na sociedade e dentro da família, e se ossifica ao longo do tempo, tornando-se fóssil após as relações que refletiram se extinguirem. É nesse sentido que a mitologia grega é um fóssil social das relações de gênero pregressas.

Como aponta Engels, a diferença de gênero é muito marcada na distinção entre mulheres e deusas na literatura grega, o que pode parecer contraditório à primeira vista, mas faz sentido considerando a gênese histórica da mitologia grega e as formações sociais que engendraram a arquitetura do universo mitológico / religioso. A situação das mulheres foi mudando com o desenvolvimento da família monogâmica e da escravidão, ambas intrinsecamente relacionadas, que se consolidaram Antiguidade Clássica como modelo moral

---

<sup>36</sup> Outras semelhanças podem ser traçadas antiga cosmogonia fenícia de “*Sanchuniathon*” e os textos ugaríticos da Idade do Bronze Tardio, como o *Ciclo de Baal* do século XIV ou XIII a.C.

Cf. KELLY, Adrian. Gendrificando o mito de sucessão em Hesíodo e no antigo oriente próximo. *Clássica - Revista Brasileira De Estudos Clássicos*, v. 32, n. 2, p. 119-138, 2019.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 126

<sup>38</sup> *Ibidem*, p. 132

<sup>39</sup> MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 145.

de organização familiar, dentro da qual a mulher ocupa ou uma posição subserviente enquanto esposa (e, durante um tempo, filha), ou como escrava dentro da esfera doméstica, da qual também se espera o relacionamento sexual com o senhor.

A concepção da historicidade das relações de gênero também aponta para outro aspecto interessante, a historicidade da família. As relações de gênero são apontadas por Marx e por Engels como dissolvidas na relação familiar, principalmente através das relações dos homens livres com suas esposas e escravas. Essa concepção, portanto, também engloba uma ideia geral de desnaturalização das relações familiares a partir do seu reconhecimento como não eternas, isto é, determinando-as enquanto históricas, e não como uma parte inata e imutável da natureza humana. Assim, ressalta-se que a ideia desenvolvida por Marx nos *Cadernos*, e interpretada e complementada por Engels n' *A Origem*, possui um caráter muito à frente de seu tempo, e engendra um debate valioso, ainda que pouco tratado, para a tradição marxista e feminista hoje.

### **Referências Bibliográficas**

- ÁLVARES, Lucas Parreira. *Flechas e Martelos: Marx e Engels como leitores de Lewis Morgan*. 2019. 231 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Faculdade de Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/e1cae9ba-1a45-428f-92b7-140b85c8407a>. Acesso em: 11 abr. 2026.
- ANDERSON, Kevin. *Marx nas margens: nacionalismo, etnia e sociedades não ocidentais*. São Paulo: Boitempo, 2019.

- BECKER, Wilhelm Adolf. *Charicles: Or, Illustrations of the Private Life of the Ancient Greeks*. Londres: Longman, Brown, Green, and Longmans, 1848
- COTRIM, Ana; COTRIM, Vera. Hegel e Marx sobre o patriarcado: naturalização e ruptura. *Cerrados*, Brasília, v. 29, n. 52, p. 120-151, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/29380>. Acesso em: 11 abr. 2026.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. São Paulo: Boitempo, 2019.
- HARNECKER, Marta; URIBE, Gabriela. *Explorados e exploradores I: Cadernos de Educação Popular (CEP)*. São Paulo: Global Editora, 1979
- HESÍODO. *Teogonia: origem dos deuses*. São Paulo: Editora Iluminuras, 1995.
- HOMERO. *Odisseia*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.
- KELLY, Adrian. Gendrificando o mito de sucessão em Hesíodo e no antigo oriente próximo. *Clássica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos*, v. 32, n. 2, p. 119-138, 2019. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/887>. Acesso em: 11 abr. 2026.
- MARX, Karl. Crítica da filosofia do direito de Hegel – Introdução. In: MARX, Karl. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. *Heft 1880 bis 1881*. MEGA Digital, 2025. Disponível em: <https://megadigital.bbaw.de/exzerpte/detail.xql?id=M5176449>. Acesso em 14 de abril de 2025.
- MARX, Karl. *Los apuntes etnológicos* (Org. Lawrence Krader). Madrid: Editorial Pablo Iglesias, 1988.
- MARX, Karl. Prefácio. In: MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. *The Ethnological Notebooks: studies of Morgan, Phear, Maine, Lubbock* (Org. Lawrence Krader). Assen: Van Gorcum & Comp. B. V., 1974.
- MORGAN, Lewis Henry. *Ancient Society or Researches in the Lines of Human Progress from Savagery through Barbarism to Civilization*. New Delhi: Raja Rammohun Roy Library Foundation, 1983.
- MUSTO, Marcello. *Karl Marx: Biografia intelectual e política (1857-1883)*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

**Como citar este artigo:** DE ANDRADE, Ana Carolina Marra. Marx e Engels diante das Deusas Gregas: A representação feminina na Mitologia Grega. *Revista de Ciências do Estado*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 1–23, 2026.

*Recebido em 15.11.2024*

*Publicado em 05.05.2026*